

SIGMARINGA SEIXAS

MENINO DO RIO QUER TIRAR VOTOS DOS TUCANOS

Samanta Sallum e Alexandre Botão
Da equipe do **Correio**

O final de semana de Luiz Carlos Sigmaringa Seixas não foi perfeito. Escolhido como candidato a vice-governador na chapa da Frente Brasília Popular no último sábado, ele esperava fechar o domingo comemorando o título do seu Flamengo na Taça Guanabara.

Antes do jogo, às 15h, ainda participando do encontro regional do PT, Sigmaringa estava agoniado. Queria saber se daria tempo de acompanhar a decisão entre Flamengo e Vasco.

Tempo, deu. Ele assistiu à partida na casa de um amigo, no Lago Sul, ao lado do Secretário de Transportes, também flamenguista, Henrique Ludovice. Só não deu para gritar "Campeão": um inosso 0 X 0 deu o título ao rival Vasco da Gama. "Foi um título vergonhoso do Vasco. Não se comemora um título com 0 a 0".

Révolta de flamenguista, claro. Carioca, nascido há 52 anos em Niterói, o advogado Sigmaringa Seixas dividiu sua juventude entre o Maracanã e as praias de Niterói-RJ.

Pegou *jacaré*, jogou *pelada* na areia e dedicou boa parte do seu tempo na praia à pesca submarina. O vice de Cristovam foi típico *menino do Rio*. A paixão pelas ondas de Niterói, Sigmaringa foi obrigado a abandonar, por causa do golpe militar de 1964. Seu pai, que era procurador geral do Rio de Janeiro, teve de deixar o cargo, foi preso e depois se mudou para Brasília. Na cidade, abriu um escritório de advocacia e quatro anos mais tarde o filho Sigmaringa, já formado em Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF), veio trabalhar com o pai.

A praia ficou restrita às férias, quando viaja com a mulher e com os dois filhos adolescentes, mas o futebol ainda faz parte do dia-a-dia. "Jogo bola até hoje", gaba-se. Seu fôlego, aos 52 anos, é bem maior agora que na época das *peladas*. O *oxigênio* melhorou pela ausência do cigarro.

O homem que fumava até três maços por dia, desde os 21 anos, deixou o vício em 1988, depois de um mal estar no plenário do Congresso. Assustado com a falta de ar, Sigmaringa teve de ser atendido às pressas pelo serviço médico da Câmara.

O nervosismo e a conseqüente falta de ar têm um culpado: o ex-deputado federal maranhense José Carlos Saboya, que estava conversando com Sigmaringa sobre os males do alcatrão e da nicotina. "Você está ofegante, o que você tem?", disse Saboya. "É, estou?", respondeu assustado Sigmaringa. Foi o suficiente para ele passar mal.

Um ex-companheiro de PSDB, disse que o candidato a vice pelo PT é as-

sim mesmo. Se alguém disser que ele parece doente, Sigmaringa já fica preocupado.

Essa espécie de *somatização* fez bem neste caso. Sigmaringa Seixas, naquele dia depois da crise no plenário, largou o cigarro: "Eu achei que ia morrer. E decidi que nunca mais ia botar um cigarro na boca", explica.

Isso foi há dez anos, no seu primeiro mandato na Câmara dos Deputados. Eleito em 1986, pelo PMDB, com 12 mil votos, Sigmaringa bandeou-se para o lado tucano na eleição seguinte e foi, elegeu-se novamente deputado federal, desta vez pelo PSDB.

Nas últimas eleições, ainda tucano, tentou o Senado, mas perdeu para José Roberto Arruda e Lauro Campos. Perdeu também a amizade da então candidata ao governo, Maria de Lourdes Abadia. Os dois fizeram campanha juntos, afinal estavam na mesma chapa, mas no dia da eleição, em 3 de outubro, todo o pessoal do gabinete de Sigmaringa foi votar com uma camiseta na qual estava escrito: "Lula Presidente, Cristovam Governador, Sigmaringa Senador".

"É claro que eu fiquei chateada. Mas ele é boa pessoa. Quem sabe agora ele não faz como na eleição passada, troca de camisa e apóia o PSDB", provoca Abadia.

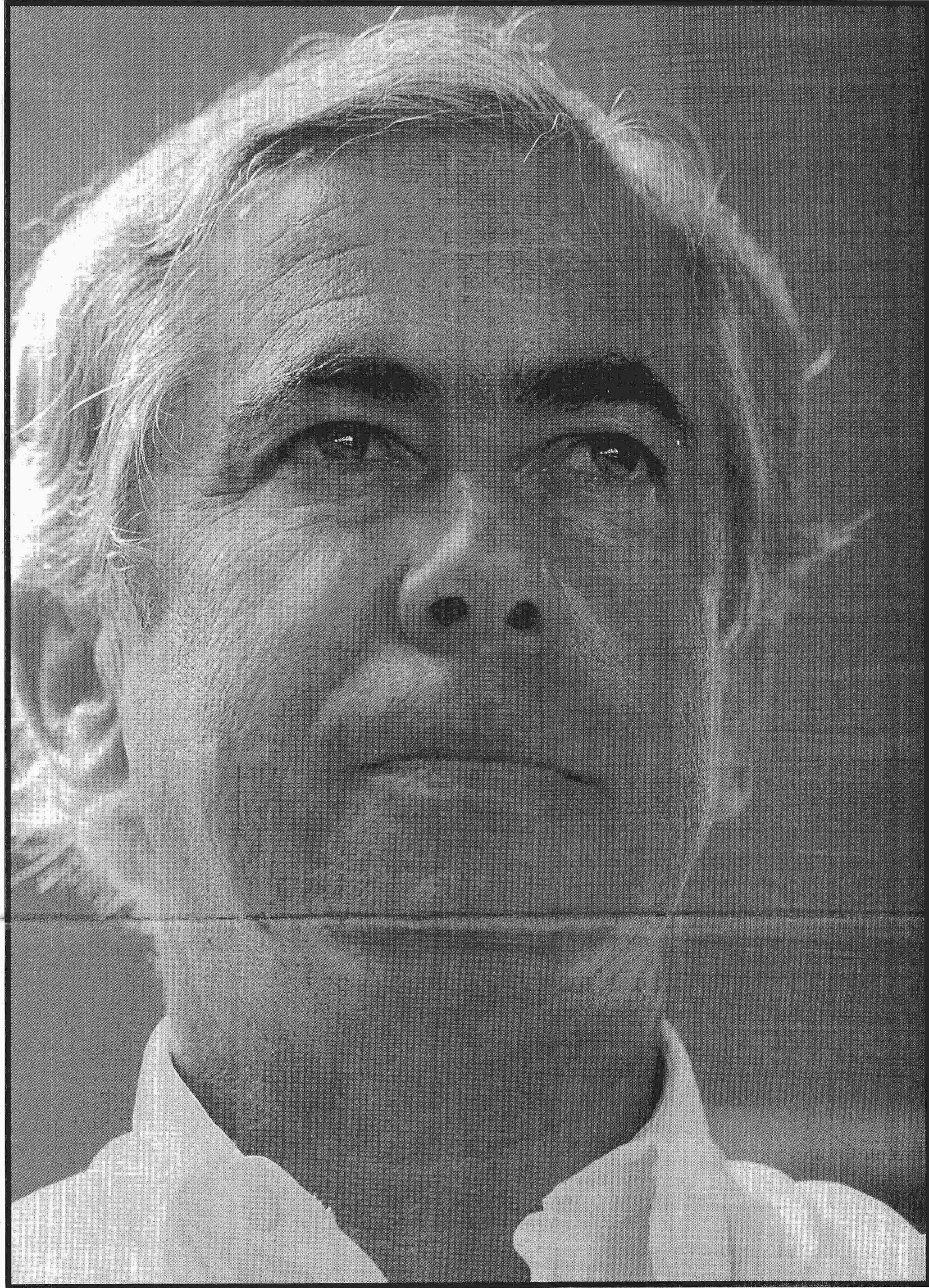
PORTA-MALAS

A ironia de Maria de Lourdes Abadia hoje é uma. Na época, foi outra. Em um encontro, logo após a eleição em 1994, em que estavam ela, Sigmaringa e o hoje ministro das Comunicações, Sérgio Motta, Abadia esbravejava com Sigmaringa: "Isso é ingratidão!". E continuou, dirigindo-se a Sérgio Motta: "Dá para ter idéia do que é fazer o povo escrever Sigmaringa na cédula? Eu fiz isso por ele na eleição para deputado. O povo escrevia até 'seu Moringa', mas Sigmaringa que é bom, nada. Eu que ensinei", dizia Abadia.

Sigmaringa vestiu em seus colegas de gabinete a camisa "Cristovam Governador" já em 1994, mas a mudança oficial de PSDB para PT só aconteceu dois anos mais tarde. Tudo começou quando o governo local patrocinou um protesto de sem-terra contra Fernando Henrique, doando marmittas. Episódio que fez com que o PSDB — que fazia parte da administração petista — rompesse com Cristovam.

O grupo de Sigmaringa se rebelou contra a decisão e todos abandonaram o partido. Ele e mais 78 integrantes do partido bateram as asas e foram pousar no ninho do PT.

"Saímos juntos por uma decisão conjunta. Sigmaringa nunca se colocou como cacique do grupo. Deixamos o PSDB porque o partido havia



DE VOLTA

Carioca, 52 anos e flamenguista, Sigmaringa Seixas já foi deputado federal em duas legislaturas, uma vez pelo PMDB e outra pelo PSDB. Nas últimas eleições, tentou o Senado e acabou perdendo. Quando os tucanos abandonaram o governo petista, ele liderou uma dissidência que embarcou no PT

desviado de seus princípios ideológicos", defende o amigo Henrique Ludovice.

Na verdade, a ida de Sigmaringa para o PT é um retorno às lutas do jovem advogado que chegou em Brasília em 1968 e tornou-se defensor de presos políticos. Durante a década de 70, no auge da repressão, sempre esteve ligado à luta pelos direitos hu-

manos. Foi advogado de sindicalistas e perseguidos políticos. Além de ter integrado o Movimento Unidade Progressista — ala mais à esquerda do PMDB — e fundado o Comitê Brasileiro de Anistia.

A história de resistência ao regime militar é marcada por episódios audaciosos. Sigmaringa foi de carro até o Rio de Janeiro buscar um advogado

amigo de seu pai que estava sendo perseguido pelos militares. Em Brasília, ele seria abrigado na casa da família. Na volta à capital, enfrentou 17 horas de tensão. Por várias vezes, teve de colocar o passageiro clandestino no porta-malas do carro para passar por *blitze* na rodovias.

Na noite de ontem, em companhia de Bassul e Ludovice, eles lembra-

ram essa história, mas logo mudaram de assunto. O papo era mesmo segundo turno. O das eleições, é claro, em que ele pretende estar ao lado do governador Cristovam Buarque. E o do Campeonato Carioca, que seu Flamengo precisa ganhar para poder decidir o título estadual contra o Vasco: "Vamos conquistar essas duas vitórias. Pode ter certeza."